



Vidas no asfalto. Um retrato da população em situação de rua através do livro-reportagem¹

Mariana Galvão NORONHA²
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

O artigo proposto corresponde à reflexão teórica sobre jornalismo, que envolve a elaboração de um livro-reportagem. O tema retrata a realidade da população em situação de rua em Ponta Grossa. Refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso que está sendo desenvolvido junto ao Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, o qual inclui além do relatório monográfico, a produção de um livro-reportagem. A fundamentação teórica aborda os conceitos de reportagem, entrevista, livro-reportagem e jornalismo como forma de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; livro-reportagem; população de rua; jornalismo e conhecimento.

APRESENTAÇÃO

O jornalismo oferece não só uma grande variedade de temas para abordagem, como também uma diversidade de suportes que podem ser utilizados para transmitir um acontecimento. A produção do jornalismo diário sofre com a interferência de fatores como tempo, espaço e linha editorial. Enquanto a mídia diária transmite determinado fato ou acontecimento, o livro-reportagem contextualiza as questões e situações a ele relacionadas. Ele traz à mídia diária uma função complementar (CANCIAN, 2009).

É com esse suporte que o trabalho objetiva retratar - com auxílio de técnicas como a entrevista em profundidade, o levantamento de dados, a pesquisa documental e empírica - a realidade e o cotidiano da população desprovida de moradia convencional regular que vive nas ruas de Ponta Grossa. O projeto então, não aborda apenas um assunto de relevância social, como também se propõe a analisar, em diferentes aspectos, todas as questões que envolvem direta e indiretamente a situação do povo das ruas.

A validade para o jornalismo, constituído como um espaço de debate público, está na elaboração de um produto de mídia capaz de dar visibilidade a esse determinado

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Graduando do 4º ano do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, email: mariana.gnoronha@gmail.com.



grupo social. O jornalismo é uma forma de divulgar temas de relevância social e interesse público, desenvolvendo o retrato de uma situação social que tem se mostrado significativa e agravante. “Pulitzer descobriu, quando foi redator-titular, que a maneira de lutar pelas causas populares não é defendê-las nas páginas de editoriais, mas promovê-las – escrever sobre elas – nas colunas do noticiário” (KUNCZIK apud CANCIAN, 2009, p. 19).

PROBLEMATIZAÇÃO

O projeto tem como tema os moradores de rua, o objeto é a realidade vivida por essa população na cidade de Ponta Grossa, Paraná. A proposta experimenta as possibilidades do livro reportagem não só para construir uma narrativa aprofundada sobre a população em situação de rua, como também para apresentar o contexto histórico e atual, abordando as políticas voltadas para este segmento e as entidades privadas que os auxiliam.

Apesar da existência dos moradores de rua não ser um fenômeno contemporâneo, a abordagem de temas relacionados a este segmento é bastante recente por parte do Governo Federal. Somente em 2009, foi assinado o decreto nº 7.053, que institui a *Política Nacional para a População em Situação de Rua*. Em 2008, foi realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social, a primeira *Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*. Os resultados dessa pesquisa revelaram aos gestores públicos uma nova realidade. Nenhuma cidade possuía o tratamento adequado. (SANTOS, 2010).

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social, o número vai além das 32 mil pessoas morando nas ruas reveladas pela pesquisa, já que esse mapeamento contemplou prioritariamente as capitais. O estudo mostrou outros dados sobre essa situação: 70% dos moradores de rua possuem algum trabalho, enquanto apenas 16% dependem da mendicância para sobreviver. 74% têm conhecimento de leitura e escrita, 52% são naturais da cidade onde vivem e 30% chegaram a essa situação devido ao desemprego (Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, 2008).

Nem todos os motivos que levam esses indivíduos a essa condição foram reconhecidos pela pesquisa. Estão geralmente ligados à perda, seja da família, do trabalho, da sanidade, da casa e muitas vezes, da própria auto-estima. Os casos variam desde pessoas que abandonaram a família e a cidade em busca de oportunidades nas



capitais, até a preferência pela vida na rua em consequência de problemas mentais. Esses indivíduos se tornam então, excluídos da sociedade.

(...) a exclusão se dá graças à ruptura de três grandes vínculos: econômicos – através do desligamento das relações de produção, sociais – através do afastamento de familiares e amigos, e simbólicos – através da renúncia dos sonhos acalentados e da introjeção dos valores que permeiam o meio social e relativos à inutilidade do excluído – a própria inutilidade (BONETI, 1998, p. 16).

Antes mesmo da instituição do decreto nº 7.053, nas capitais e cidades onde o problema da população de rua era mais aparente e significativo, políticas municipais já estavam sendo desenvolvidas para uma atenuação do caso. Em São Paulo, por exemplo, as ações não partem somente de iniciativas privadas e religiosas. A prefeitura também é a responsável pela criação e manutenção de albergues e ações de recolhimento dessas pessoas, principalmente no inverno, com a Operação Frentes Frias.

Se, como mostra Chiaverini (2007), mesmo com essas ações o problema tem se mostrado presente, a situação se coloca de forma ainda mais grave quando as políticas voltadas a esses indivíduos são praticamente nulas. É o caso de Ponta Grossa, onde, por parte da Prefeitura, ainda não existe sequer um levantamento sobre o número de pessoas que vivem nas ruas da cidade. A estimativa é de que na cidade existam cerca de 500 moradores de rua. Esse número foi apontado pela única instituição da cidade que trabalha diretamente no atendimento a população em situação de rua.³

A Secretaria Municipal de Assistência Social de Ponta Grossa possui diversas divisões com atendimentos específicos, como o Departamento de Assuntos Comunitários e o Departamento da Criança e do Adolescente. Somente em setembro de 2010 foi instalada uma nova unidade do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) com foco no atendimento para pessoas em situação de rua, o CREAS/POP.

A política pública de assistência social

No Brasil, o modelo de gestão utilizado para operacionalizar a Política Nacional de Assistência Social é o SUAS, Sistema Único de Assistência Social. Foi implantado em todo território nacional em 2005 e apesar de ter como objetivo proporcionar às famílias em situação de vulnerabilidade ou em risco social e pessoal, a inclusão de serviço especializado para pessoas em situação de rua só ocorreu em 2009, com a implantação do decreto nº 7.053.

³ Associação Ministério Melhor Viver



Os serviços socioassistenciais possuem a seguinte tipificação: serviços de proteção social básica⁴, serviços de proteção social especial de média complexidade⁵ e serviços de proteção social especial de alta complexidade⁶. O serviço especializado para pessoas em situação de rua está definido como serviço de proteção social especial de média complexidade. O SUAS define que o serviço de abrigo, que é o mínimo a ser oferecido, deve, sempre que possível, ter caráter provisório. O ideal é que o atendimento busque alternativas para reintegração ao convívio familiar e resgate dos direitos violados.

Algumas entidades de Ponta Grossa

a) Organização Espírita Irmã Scheilla

Foi fundada em dezembro de 1954 por 32 senhoras voluntárias. Ativa há 56 anos, a entidade só conquistou sede própria em 1973, após um ano de campanha para arrecadação de recursos. Até então, a organização havia desenvolvido seus trabalhos em três diferentes residências particulares. Era necessária a construção de um espaço para o desenvolvimento das atuais e novas atividades assistenciais. A finalidade inicial da Irmã Scheilla era a confecção de roupas para distribuir à população carente. Atualmente, a entidade desenvolve as seguintes atividades: distribuição de cesta básica para famílias cadastradas; distribuição emergencial de alimentos, roupas e calçados para cerca de 150 pessoas/mês; clube de gestantes; curso de acolhidos para pessoas carentes; distribuição de sopa para 200 pessoas/dia; distribuição de café da manhã para 160 pessoas; e assistência espiritual. Os atendimentos relacionados com o projeto são a distribuição de sopa e café da manhã. A sopa é servida de segunda a sexta-feira das 10h30 às 11h30 por grupos de voluntários. A distribuição de café da manhã ocorre todo sábado das 9h às 10h30, também por grupos de voluntários. A principal fonte de recursos da entidade é a contribuição mensal de pessoas físicas, em dinheiro ou alimentos.

b) Associação Assistencial Espírita Messe de Amor

Apesar do desenvolvimento de atividades em bairros carentes há mais de um ano, foi apenas em 20 de maio de 1979 que a Associação Assistencial Messe de Amor

⁴ Incluem, por exemplo: serviço de proteção e atendimento integral a família, benefícios eventuais e de prestação continuada, projetos de enfrentamento a pobreza.

⁵ Incluem, por exemplo: crianças e adolescentes em situação de trabalho ou de abuso/exploração sexual, indivíduos em situação de abandono.

⁶ Incluem, por exemplo: abrigo institucional para crianças e adolescentes, idosos e pessoas vítimas de violência, serviço de proteção em situação de calamidades públicas e de emergência.



foi fundada. A fundação da casa ocorreu antes mesmo da existência de um espaço para as atividades. O bairro escolhido para a construção foi a Vila Cristina, para que se pudesse concretizar uma pequena casa de assistência, objetivo dos idealizadores da entidade. A construção da sede só foi iniciada em setembro desse mesmo ano. Até que o prédio estivesse pronto, a Messe de Amor distribuía sacolas de mantimentos para os moradores carentes próximos ao local. A sede pronta foi inaugurada mais de um ano após a fundação, em 31 de maio de 1980. Desde então, a entidade tem desenvolvido diversos trabalhos assistenciais, como: grupo de estudos espíritas; distribuição de sopas e lanches; clube de costuras; clube de meninas; clube de gestantes; e aulas de cabeleireiro. Os atendimentos relacionados com o projeto são a distribuição de sopas e lanches. Esse trabalho ocorre às quartas-feiras, das 13h às 18h, e aos sábados, das 8h às 13h30. A instituição não possui refeitório e conta com grupos de voluntários para a distribuição e preparação das sopas e lanches.

c) Associação Ministério Melhor Viver

Funcionando na cidade há quase 10 anos, só foi fundada juridicamente em janeiro de 2005. Diretamente ligada a uma igreja evangélica, a entidade sempre dependeu de doações para sua manutenção, até no ano passado, quando um convênio foi firmado com a Prefeitura para repasse de verbas. Apesar de ser a única entidade em Ponta Grossa com atendimento exclusivamente voltado para população em situação de rua, não possui albergue. Todos os serviços são prestados durante o dia. Além do centro de convivência onde os assistidos podem interagir e assistir palestras, a instituição também disponibiliza espaço para lavar roupa, tomar banho e cortar cabelo. O café da manhã é servido somente no sábado, o almoço de segunda a sexta e o jantar nas quartas e quintas. Além da alimentação, a associação também oferece: casa de apoio para dependentes químicos, grupo de apoio para os familiares dos dependentes, distribuição de roupas e orientação para obter ou recuperar documentos como RG e CPF. Por ser a única especializada nesse atendimento, possui um controle diário e um cadastro de todos os assistidos que já passaram pela entidade.

d) Casa da Acolhida

Fundada em fevereiro de 2001, com o objetivo de abrigar temporariamente pessoas em situação de risco, que incluem: moradores de rua, andarilhos, migrantes, sem-teto, desempregados. A Casa da Acolhida é mantida através de diversas parcerias: com a Sociedade São Vicente de Paulo, responsável pela estrutura física e jurídico-



administrativa, com o Conselho Nacional das Igrejas Cristãs (CONIC), responsável pela arrecadação mensal de alimentos e material de limpeza, e com a Prefeitura, que através de convênio, repassa verbas mensalmente para entidade. Apesar de especializada no abrigo de pessoas em situação de risco, apenas 20 dos 60 leitos disponibilizados no local são destinados aos moradores de rua. Dificilmente as vagas são completadas, devido a localização da entidade. A Casa da Acolhida fica a 5 km da região central de Ponta Grossa, onde a maioria dos moradores de rua se concentra. Além do abrigo, a instituição também oferece quatro refeições por dia, laborterapia (horta) e encaminhamento assistencial.

REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de investigação e apuração de um livro-reportagem é como uma versão ampliada do mesmo processo no jornalismo diário. Parte-se de uma pauta preliminar, vai-se até a realidade analisar o fato, buscam-se fontes diretas e indiretas e coleta-se todo tipo de dado relacionado. Tudo isso para atender a principal função do jornalismo: a busca pela informação. O planejamento de um livro-reportagem envolvendo um tema de relevância social, como a situação da população de rua, deve levar em consideração diversos aspectos e conceitos de jornalismo e comunicação.

O presente referencial teórico aborda essas questões. Em primeiro lugar, uma apresentação do jornalismo como uma forma de levar até o público o conhecimento de uma determinada realidade, como um produtor de conhecimento. Em seguida, as características da reportagem e entrevista, sendo essas duas a base de apoio para o último conceito abordado: o de livro-reportagem. Partindo assim, do geral para o mais específico.

1. Jornalismo e conhecimento

A cobertura jornalística atual, ainda que atravessada por questões como limitação de tempo, espaço e interesses individuais, atende uma necessidade humana: o conhecimento. Fatos ocorrem o tempo todo em diversos lugares do mundo e os indivíduos não podem estar sempre presentes. O processo de produção possibilita que as pessoas tenham conhecimento não só da notícia, como também suas implicações e desenvolvimento. A notícia é uma forma de conhecimento.

Em 1940, Robert E. Park elaborou o artigo intitulado *A notícia como forma de conhecimento*, sendo um dos primeiros a estudar essa questão. O artigo de Park inicia com a distinção dos dois tipos de conhecimento definidas pelo filósofo William James:



“conhecimento de” e “conhecimento acerca de”. O “conhecimento de” está relacionado ao senso comum, ao conhecimento adquirido com experiências de vida. Enquanto, o “conhecimento acerca de” é um conhecimento mais formal, sistemático e científico. A notícia está inserida num meio termo entre essas duas categorias. O conhecimento chega ao público na forma de comunicação, ou seja, a notícia (PARK, 1970).

“A função da notícia é de orientar o homem e a sociedade num mundo real. A medida que ela consegue isso, a notícia tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência na sociedade” (PARK, 1970, p. 69). Ou seja, o conhecimento produzido pelo jornalismo teria a simples função de integrar o indivíduo na sociedade e seus respectivos costumes. Essa definição elaborada por Park foi o principal motivo de crítica de Genro Filho no capítulo sobre jornalismo e conhecimento em seu livro *O segredo da pirâmide*. O autor avalia o conteúdo do artigo de Park como “conservador e limitado”. “A ‘sanidade’, compreenda-se como uma mentalidade competitiva, mesquinha e consumista. Por ‘conservação da sociedade’ entenda-se a preservação do capitalismo e do ‘modo de vida norte-americano’” (GENRO FILHO, 1987, p. 68).

Genro Filho, com sua teoria marxista do jornalismo, entendia o jornalismo como um produtor de conhecimento completamente diferente da ciência.

O jornalismo não produz um tipo de conhecimento, tal como a ciência, que dissolve a feição singular do mundo em categorias lógicas universais, mas precisamente reconstitui a singularidade, simbolicamente, tendo consciência que ela mesma se dissolve no tempo. (...) O processo de significação produzido pelo jornalismo situa-se na exata textura entre duas variáveis: 1) as relações objetivas do evento, o grau de amplitude e radicalidade do acontecimento em relação a uma totalidade social considerada; 2) as relações e significações que são *constituídas* no ato de sua produção e comunicação (GENRO FILHO, 1987).

Ao também estudar essa questão, Meditsch concorda com Genro Filho ao afirmar que o jornalismo difere da ciência. Ainda vai além, para ele o jornalismo não é uma ciência e nem pode aspirar a ser. “(...) o jornalismo como forma de conhecimento é capaz de revelar aspectos da realidade que escapam à metodologia das ciências (...)” (MEDITSCH, 1997, p. 9).

Um aspecto importante destacado por ele é a forma como o jornalismo produz conhecimento. O jornalismo tem a capacidade de revelar aspectos da realidade que outros tipos de conhecimento não são capazes de revelar, possuindo então, uma maneira diferente de produzir o conhecimento.

Além desta maneira distinta de produzir conhecimento, o jornalismo também tem uma maneira diferenciada de o reproduzir, vinculada à função de



comunicação que lhe é inerente. O jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais (MEDITSCH, 1997, p. 3).

Ainda na diferenciação entre conhecimento científico e jornalismo como forma de conhecimento, Meditsch (1997) apresenta a seguinte definição: a ciência procura estabelecer leis que regem a relação entre diferentes fatos, enquanto o jornalismo tem sua força apenas na revelação do fato, em sua singularidade, incluindo as questões desprezadas pelo conhecimento das diversas ciências.

2. Entrevista

“A entrevista é o gênero básico de toda a práxis jornalística” (GRADIM, 2000, p. 97). Pode significar todo o processo de apuração e os contatos efetuados pelo repórter para coleta de informações e dados, como também na forma de conversa, no modelo entrevista pergunta-resposta. A entrevista é o mínimo necessário para obtenção de conteúdo, seja para perfil, nota, notícia ou grande reportagem.

Partindo dessa perspectiva, da entrevista como um procedimento de apuração, Nilson Lage (2006) desenvolve a seguinte tipificação:

- a) Ritual: de breve duração, mais centrada na exposição do entrevistado do que no que ele tem a dizer. As declarações ou são irrelevantes ou já são esperadas.
- b) Temática: aborda um tema sobre o qual se supõe que o entrevistado possua conhecimento e autoridade para responder. Pode ajudar na compreensão de um problema ou apenas expor um ponto de vista.
- c) Testemunhal: definida pelo relato do entrevistado a respeito de algo que ele participou ou testemunhou. Reconstitui-se o fato a partir do ponto de vista particular do entrevistado.
- d) Em profundidade: nesse caso, o foco não está em nenhum tema ou acontecimento específico, e sim na figura do entrevistado. Procura-se construir um ensaio sobre o personagem a partir de seus depoimentos.

Lage também classifica as entrevistas quanto às circunstâncias de realização, elas podem ser: ocasional, confronto, coletiva e a dialogal, que é a entrevista por excelência. Na entrevista dialogal “entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados” (LAGE, 2006, p. 77).



Cremilda Medina também desenvolveu um estudo partindo dessa concepção de entrevista aprofundada, tratando-a como um diálogo possível. Para ela, enquanto técnica de interação social, a entrevista pode “quebrar isolamentos grupais, individuais, sociais”, além de “servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação” (MEDINA, 2002, p.8).

A entrevista em profundidade, entendida como um diálogo entre entrevistado e entrevistador se encaixa no processo de apuração de um livro reportagem sobre a situação do povo das ruas em Ponta Grossa. A entrevista passa por quatro níveis (MEDINA, 2002, p.27): 1. Pesa o suporte delimitado pelo estágio histórico da técnica comunicacional; 2. O nível de interação social almejado pelo entrevistador; 3. Suas possibilidades de criação e de ruptura com as rotinas empobrecedoras das empresas ou instituições comunicacionais; 4. Ultrapassa os limites da técnica imediatista, tentativa de desvendamento do real (MEDINA, 2002). Ou seja, encaixa-se não só no tema do projeto, como também no suporte escolhido para executá-lo.

3. Reportagem

Antes de se falar sobre a reportagem é preciso entender o conceito de notícia. Essa definição já foi abordada por uma série de autores, e por mais que possuam alguma diferença entre si, determinam a notícia praticamente da mesma forma. “A notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante” (LAGE, 1985, p. 16). Lustosa (1996, p. 18) define a notícia não só como a “técnica de relatar um fato”, como também “um produto colocado à venda e que atende à lógica e às exigências do mercado”. Em outra definição, a notícia pode ser entendida como “a comunicação, a um público interessado, de um facto acabado de se produzir ou de ser divulgado através de meios de comunicação de massa” (FONTCUBERTA, 1999, p.13). Uma definição interessante relaciona a notícia com o ato de publicá-la.

(...) à notícia, cabe a função essencial de assinalar os acontecimentos, ou seja, tornar *público* um fato (que implica em algum gênero de ação), através de uma *informação* (onde se relata a ação em termos compreensíveis). Noticiar, portanto, seria o ato de *anunciar* determinado fato e, independente do número de acontecimentos que possam ocorrer, só serão *notícia* aqueles que forem ‘anunciados’ (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 17).

O tema população em situação de rua não possui um gancho de ‘ação’ para sua abordagem. Apesar de atual e de relevância social, a realidade e história dessa população não se encaixam nas definições de notícia acima citadas. Encaixa-se, porém



na definição de reportagem. Além de não ser definida pelas pressões da produção jornalística diária, a reportagem amplia a produção da imprensa cotidiana, contextualizando a e aprofundando a informação. Os assuntos abordados pela reportagem podem não estar relacionados a um acontecimento, recente ou passado.

O instrumento básico para o relato jornalístico é a notícia, forma de comunicação que condensa a reprodução dos fatos sociais. Mas como há temas que requerem abordagem mais ampla, o jornalismo desenvolveu, ao longo do tempo, uma forma de mensagem mais rica, cujo teor procura redimensionar a realidade sob um horizonte de perspectivas onde não raro existem várias dimensões dessa mesma realidade. Essa forma é a reportagem (...) (LIMA, 1993, p. 10).

Dentre os textos essencialmente jornalísticos, a reportagem é o formato que pode ter maior aproveitamento (LAGE, 1985). Ela difere da notícia em vários aspectos. O primeiro deles a profundidade. A reportagem já possui esse aspecto com uma de suas características, por contextualizar, e não simplesmente noticiar o acontecimento. Se o acontecimento é a deposição de um governo, isso é o que será noticiado, enquanto serão elaboradas reportagens a respeito da crise política, econômica, social e etc. (LAGE, 1985).

A reportagem possui algumas características específicas principais: a predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Dependendo do enfoque e da temática, algumas características podem predominar sobre outras, mas é necessário que a narrativa sempre esteja presente na reportagem. “Ou não será reportagem” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 15).

4. Livro-reportagem

Lima (1995) coloca que, do ponto de vista mais objetivo, o livro-reportagem pode ser definido apenas como um veículo de comunicação jornalística sem periodicidade. Mas, mais do que isso, o livro-reportagem permite possibilidades de abordagem para “uma compreensão da realidade que ultrapassa o enfoque linear, ganhando contornos sistêmicos no esforço de estabelecer relações entre as causas e conseqüências de um problema contemporâneo” (LIMA, 1995, p. 26). Ou seja, é “a mídia mais rica em possibilidades de experimentação” (BELO, 2006, p. 41).

O objetivo é oferecer um quadro da contemporaneidade capaz de situar o leitor diante das múltiplas realidades desse quadro e de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. Nesse caso, o livro-reportagem contextualiza o tema para o leitor, faz uma leitura sistêmica da realidade. Isto é, considera tudo como parte de um conjunto interligado onde dinâmicas e interações acontecem, mostrando que a realidade é múltipla, multidimensional (LIMA, 1993, p. 29).



Existem três condições apresentadas por Lima (1995) que distinguem o livro-reportagem dos demais livros. A primeira delas está relacionada ao conteúdo: o livro-reportagem trata essencialmente de um assunto real. A segunda está relacionada ao tratamento: mesmo oferecendo mais liberdade na linguagem, a produção de um livro-reportagem segue a linguagem jornalística. E por último, temos a condição ligada a função: apesar de trabalhar com uma narrativa diferenciada, o livro reportagem ainda cumpre com a função fundamental do jornalismo de informar, orientar e explicar.

Quanto à atualidade, o livro reportagem possui dois tipos de vínculo: o primeiro se aproveita de um fato/acontecimento atual para explorá-lo com maior profundidade. E o segundo, que se encaixa nessa pesquisa, trata de temas mais distantes no tempo, que mais se relacionam à explicação de uma situação que sua ocorrência em si.

“(…) o livro-reportagem estende a função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano na medida em que cobre vazios deixados pela imprensa, na medida em que amplia, para o leitor, a compreensão da realidade” (LIMA, 1995, p. 55). O livro reportagem atende essa função devido às liberdades que permite ao repórter. A primeira delas, contemplando o tema deste projeto, é a liberdade temática. Lima não apenas coloca que qualquer tema pode ser apresentado com contextualização e pluralidade de vozes no livro-reportagem, como também pesa uma responsabilidade nessa decisão: “desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre os fatos, situações e ideias de relevância social” (LIMA, 1993, p. 15).

Outra liberdade permitida pelo suporte é a liberdade de fontes. Seguindo o padrão de ampliar as possibilidades da produção jornalística diária, o livro reportagem permite também a ampliação das fontes, não ficando restritas, ou mesmo priorizando, as fontes legitimadas. Também permita a liberdade temporal, como já citado antes, já que pode utilizar a atualidade como um ponto de partida como observar a realidade a partir de olhar mais amplo. Essa característica se aproxima da liberdade do eixo de abordagem, facilitando “um enfoque precisamente sistêmico, contextualizador dos temas da contemporaneidade” (LIMA, 1995, p. 71).

“Em tese, porém, ele apresenta potencial significativamente superior ao dos veículos regulares do jornalismo e quase sempre estende a função de informar e orientar a imprensa” (LIMA, 1993, p. 27). Ou seja, você se informa com mais detalhes e profundidade do que no jornalismo comum.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurou-se mapear os conceitos relacionados ao jornalismo e a comunicação que envolvem a produção de um livro-reportagem. Foi feita uma breve revisão bibliográfica de teóricos que abordam essas questões. Os conceitos apresentados possuem uma diversidade de referências, as quais envolvem a discussão sobre jornalismo e conhecimento, entrevista, reportagem e o produto deste projeto, o livro-reportagem e a relação do mesmo, como formato de mídia jornalístico, com os conceitos citados.

O artigo apresenta-se como um relatório monográfico preliminar do Trabalho de Conclusão de Curso. A pesquisa encontra-se em desenvolvimento e aprofundamento, tanto na parte teórica, quanto na pesquisa empírica. De forma que, este artigo, apresenta uma reflexão teórica sobre o assunto, a qual será aprofundada durante o desenvolvimento da pesquisa.



REFERÊNCIAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BONETI, Lindomar W. **Estado e exclusão social hoje**. In: Os caminhos da exclusão social. (Org. de Paulo A ZARTH). Ijuí, Editora Unijuí, 1998

CANCIAN, Natália. **Para teus olhos lembrarem**. Um retrato das vidas ocultas nas entidades de longa permanência através do livro-reportagem. Relatório monográfico do Trabalho de Conclusão de Curso – Jornalismo. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009.

CHIAVERINI, Tomás. **Cama de cimento**. Uma reportagem sobre o povo das ruas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

FONTCUBERTA, Mar de. **A notícia**. Lisboa: Ed. Notícias, 1999

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987

GRADIM, Anabela. **Manual de jornalismo**. In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.html>>. Acesso em 12/03/2011

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1987

_____, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993

_____, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998

LUSTOSA, Elias. **O texto da notícia**. Brasília: UNB, 1996

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 12/03/2011



PARK, Robert E. **A notícia como forma de conhecimento.** In: STEINBERG, C. Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1970.

BRASIL. Pesquisa Nacional para População em Situação de Rua, 2008

SANTOS, Ivair Augusto dos. Coordenador geral do **Comitê Interministerial para Políticas para População em Situação de Rua.**

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Summus, 1986